

# CUIDADOS PALIATIVOS EM ONCOLOGIA PEDIÁTRICA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Arielle Lima dos Santos<sup>1</sup>; Jessica Stephanie da Silva Vasques<sup>1</sup>; Nathacha Mariana Farias da Cunha<sup>2</sup>; Silvio Eder Dias da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestrado, <sup>2</sup>Doutorado  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
ari-ile@hotmail.com

**Introdução:** cuidados paliativos é definido como uma forma de cuidar de forma total o indivíduo fora de possibilidade terapêutica, busca-se o controle incessante da dor, cuidados de cunho emocional e também espiritual, mas, para isso faz-se necessário uma equipe multidisciplinar para tratar o ser em seus diversos aspectos. Desta forma o câncer, por suas características de condição de saúde com sintomas e incapacidades associadas que exige controle de longo prazo, enquadra-se como doença crônica 1. Logo, câncer infantil é uma condição crônica que corresponde a um grupo de várias doenças que têm em comum a proliferação descontrolada de células anormais e que pode ocorrer em qualquer parte do organismo. Entre os tipos de câncer mais frequentes na infância estão as leucemias e tumores no sistema nervoso central, no sistema linfático, nos rins, nos ossos e na retina e possuem ainda causa desconhecida, apesar de se especular que possam ser causados por vários motivos, como exposição à radiação, às substâncias químicas, ou, ter origem virótica 1. Sabe-se que com a detecção precoce, o atendimento diferenciado e o auxílio a família, as probabilidades de recuperação aumentam evolutivamente. Ao ser diagnosticado com câncer, a criança tem seu cotidiano modificado muitas vezes provocando limitações, sendo que, frequentemente ela é submetida a hospitalizações para exames e tratamento, de acordo com a evolução da patologia. Traz também modificações além da vida da criança, altera a rotina de sua família, e isso requer readaptações e estratégias para o enfrentamento, passando a modificar seus hábitos, atividades diárias, dentre outras rotinas, torna-se conhecedora da doença e precisa aprender a lidar com os incômodos físicos advindos dos tratamentos, exames e procedimentos os quais estão constantemente em exposição. O doente crônico enfrenta alterações no seu estilo de vida, provocadas pela doença em si e pela recorrência de internações hospitalares. O enfermeiro, no contexto de doenças crônicas, em especial o câncer, ao interagir com a família que vivencia essa situação, depara-se com uma experiência que ele precisa compreender, reconhecendo como ela enfrenta as dificuldades e quais estratégias são utilizadas no enfrentamento de crises e situações emergentes 1. A assistência paliativa, no Brasil, surgiu por iniciativa de alguns profissionais do Instituto Nacional do Câncer, preocupados com o abandono institucional dos pacientes fora de possibilidade terapêutica e o aumento da demanda de atendimento. Buscaram ajuda de profissionais voluntários, o que fez perceber a necessidade de contar com uma equipe de saúde especializada. Em 1997, é fundada a Associação Brasileira de Cuidados Paliativos e no mesmo ano, o Ministério da Saúde institui o Programa Nacional de Educação Continuada em Dor e Cuidados Paliativos para os Profissionais da Saúde. Então, verifica-se a importância do profissional enfermeiro para promover uma melhor adaptação as situações enfrentadas diariamente e no decorrer do tratamento realizado. **Objetivos:** Compreender as relações criadas entre os familiares e a criança portadora de doença oncológica. **Métodos:** Revisão integrativa de literatura (RIL), de caráter exploratório descritivo. A RIL se estrutura em 6 passos: estabelecimento da hipótese da pesquisa; amostragem na literatura; categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão; interpretação dos resultados; síntese do conhecimento ou apresentação da revisão. Esta pesquisa encontra-se no 4º passo:

avaliação dos estudos incluídos na revisão. Como base de dados se utilizou o banco de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e como descritores: Família, oncologia e pediatria. Como critérios de inclusão: artigos completos; nos idiomas português, inglês e espanhol; publicados entre os anos de 2005 e 2015; de autoria exclusiva de enfermeiros. A avaliação dos estudos incluídos na revisão foi realizada por meio de um quadro sinóptico contendo as seguintes informações: identificação do artigo por título, ano e a abordagem principal do mesmo. Foram realizadas leituras sistemáticas na busca do objetivo principal: Compreender as relações criadas entre os familiares e a criança portadora de doença oncológica fora de possibilidade terapêutica. **Resultados e Discussão:** A busca resultou em 58 referências. Identifica-se que os enfermeiros reconhecem a importância de realizar cuidados efetivos envolvendo a criança e o familiar. As constantes demandas geradas pela complexidade da doença, de seu tratamento e as repercussões causadas nos indivíduos e suas famílias motivaram a enfermagem a repensar o modo de prestação de assistência vigente e as competências esperadas nos diferentes níveis da assistência oferecida na instituição. Tem-se também a expectativa de que o paciente portador de enfermidade oncológica está fadado a morte, é possível desprender desse contexto que o familiar sofre com a vivência do tratamento, mas que tem um abalo significativo com a triste expectativa do óbito. O simples diagnóstico da doença já traz a ao acompanhante cuidado o pressentimento de morte a criança acometida. É possível compreender também que a humanização do cuidar e a valorização do outro torna o cuidado paliativo, mas eficiente e mais bem demonstrado quando o ser que necessita de cuidado é uma criança. A doação e os laços familiares se estreitam em torno de sua melhora, seja ela ao buscar a cura ou dar melhor conforto até se completar a finitude da vida. Assim o cuidador se lança ao ser cuidado de forma que sua vida passa a ficar em segundo plano uma vez que ele próprio não considera adequado afastar-se de sua criança para desenvolver o cuidado de si. **Conclusão:** Os cuidadores, na maioria das vezes, sentem-se insatisfeitos, incapazes e inseguros em assumir seu papel, pois acreditam não estar atendendo adequadamente as necessidades básicas da pessoa cuidada. Diante deste fato e sabendo que serão eles que irão assumir os cuidados, é necessário que a enfermagem promova o envolvimento dos mesmos no preparo para a alta hospitalar<sup>4</sup>. A família deve ser incluída neste processo, pois o cotidiano do familiar cuidador também é modificado pela doença. O familiar precisa aprender como melhor cuidar do doente. Sua presença é valiosa, uma vez que proporciona troca de saberes e informações sobre o cliente e seu contexto familiar, ajudando no planejamento do ser cuidado. O estudo faz-se importante uma vez que o profissional de saúde se destacando o profissional enfermeiro deve ter sua assistência também voltada ao familiar que tem sua vida alterada pela assistência dedicada a criança que tem necessidade de cuidados. Assim a enfermagem vem demonstrar a real aplicabilidade da assistência a criança em cuidado paliativo bem como ao cuidador que requer orientação ao dedicar-se a esse modelo de cuidar.

### **Referências:**

1. SILVA, S.E.D; ALVES P.S; ARAÚJO, J.S; CUNHA, N.M.F; VASCONCELOS, E.V; RODRIGUES L.F. A enfermagem nas estratégias de enfrentamento implementadas a pacientes oncológicos em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. J. Health Biol Sci. 2015; 3(3):172-179.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional do Câncer. Estimativas 2012: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro (RJ): INCA; 2012.

3. NASCIMENTO L.C; ROCHA S.M.M; HAYES VH, LIMA R.A.G. Crianças com câncer e suas famílias. Rev Esc Enferm USP. 2005; 39(4): 469-74.
4. BOCCHI, S. C. M. Vivenciando a sobrecarga ao vir-a-ser um cuidador familiar de pessoa com acidente vascular cerebral (AVC): análise do conhecimento. Rev. Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 12, n.1, p. 115-21, 2004